

ANÁLISE DA NOTÍCIA

Paradoxo brasiliense

CARLOS ALEXANDRE

DA EQUIPE DO CORREIO

Brasília é uma cidade de paradoxos. Na semana em que completa 45 anos, a capital conhecida pela singularidade do projeto urbanístico está em apuros com a briga para a ampliação das quadras comerciais do Plano Piloto. Curiosamente, a cizânia toda ergueu-se a partir

de um dos mais belos projetos de Lucio Costa — a unidade de vizinhança. A idéia de criar unidades independentes, onde os moradores teriam acesso a escola, hospitais e áreas de lazer em um raio de um quilômetro ficou apenas nas intenções do urbanista. Esboço dessa iniciativa pode ser visto no quadrilátero 108/109/308/309 Sul.

Os terrenos que hoje são motivo de disputa entre moradores e empresários estavam previstos como restaurantes, que, no plano de Lucio Costa, atenderiam à demanda da vizinhança. Aos olhos dos brasilienses revisionis-

tas, a solução do arquiteto parece um legado anacrônico. Não é segredo para ninguém que Brasília mudou muito desde 1960 — a cidade cresceu a uma velocidade vertiginosa e se destacou pelo perfil consumidor. Também ficou conhecida por reunir nas quadras comerciais alguns dos melhores serviços do país, especialmente na área de gastronomia.

Não é segredo para ninguém, tampouco, que algumas comerciais do Plano Piloto estão com a capacidade de público esgotada. São constantes as reclamações de moradores contra a anarquia

de carros e pedestres que se instalou na 202 Sul, na 210 Sul, na 403 Sul, na Rua dos Restaurantes, na 411 Sul — isso sem citar o pandemônio na 210 Norte. Por outro lado, há muitos espaços que ainda podem ser explorados. Cite-se como exemplo a W3, que agoniza em praça pública.

A reivindicação dos moradores não pode ser vista como uma cruzada quixotesca. Eles exigem seus direitos de cidadão, que representam valores caros a todo brasiliense — qualidade de vida, civilidade urbana, direito de ir e vir. É preciso que o bom senso prevaleça em toda essa discussão.